

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Duplo Centenário de 1940

Guimarães, dia 1 de Portugal

Nos últimos dias de Abril do próximo ano (que Júlio Dantas tão bem denominou o Ano Aureo), quando já tiverem despontado as primeiras rosas da primavera nos mil canteiros de que se compõe este jardim que é Portugal, dar-se-á o sinal, em Lisboa, do início oficial das festas do Duplo Centenário. E na sua Sé restaurada, onde já se cantou há oito séculos o Te-Deum da Reconquista, entoar-se-á agora o da gloriosa e provecta idade da Pátria, rodeando-se tão solene cerimónia de todos os ritos e galas—alguns quasi caídos em desuso—que a Santa Sé, pelos tempos fora, concedeu privilegiadamente ao Patriarcado da capital lusitana. Todas as Sés de Portugal e seus domínios farão côro simultâneo com a de Lisboa. E, logo a seguir, os poderes do Estado, em numerosa e brilhante representação, com os chefes do Estado e do Governo à sua frente, e o corpo diplomático no seu séquito, transportar-se-ão à ilustre cidade de Guimarães, berço da Nação, para ali inaugurarem, com a maior pompa, as festas que desde esse momento, e por espaço de seis meses, electrizarão os corações portugueses em toda a extensão do território do Império. Do alto do venerável Castelo, onde nascemos como Nação, pronunciará o Dr. Salazar a mensagem ou proclamação inaugural, logo radiodifundida a todo o Mundo luso-brasileiro, e na qual já de antemão sabemos que serão ditas palavras que não se apagarão mais dos fastos nacionais, palavras à altura dos factos que se hão-de celebrar e do homem que será o porta-voz delas, um e outro no mesmo nível de grandeza e de glória.

Bem merece Guimarães esse privilégio, que já alvoroça com motivo os seus habitantes. Em verdade todos os Portugueses são, em certa medida, vimaranenses, pois foi ali, na decisiva batalha de S. Mamede, que raiou a aurora da Pátria, e foi dentro dos muros da fidalga vila que se desdobraram os primeiros capítulos da nossa existência. O «Dia Um de Portugal» foi em Guimarães que rompeu e ninguém lhe pode disputar tal primazia. Corte dos nossos primeiros Reis, lugar de grande devoção para todos eles, apanágio da casa de Bragança desde a origem desta, sede de uma das mais famosas Escolas do Reino—o Convento da Costa, ainda hoje viçoso no esplendor dos seus jardins sem par—Guimarães tem parte não pequena no «Dia Dois» da independência nacional, que foi Aljubarrota, pois é à sua Colegiada de Santa Maria da Oliveira, um dos grandes Santuários da Península, que El-Rei D. João I oferece, logo depois da vitória, talvez a mais preciosa das presas de guerra: o altar de prata doirada, tomado a Castela, que ainda hoje se pode admirar no Museu Alberto Sampaio, e onde sem dúvida se há-de celebrar a missa campal de 1940.

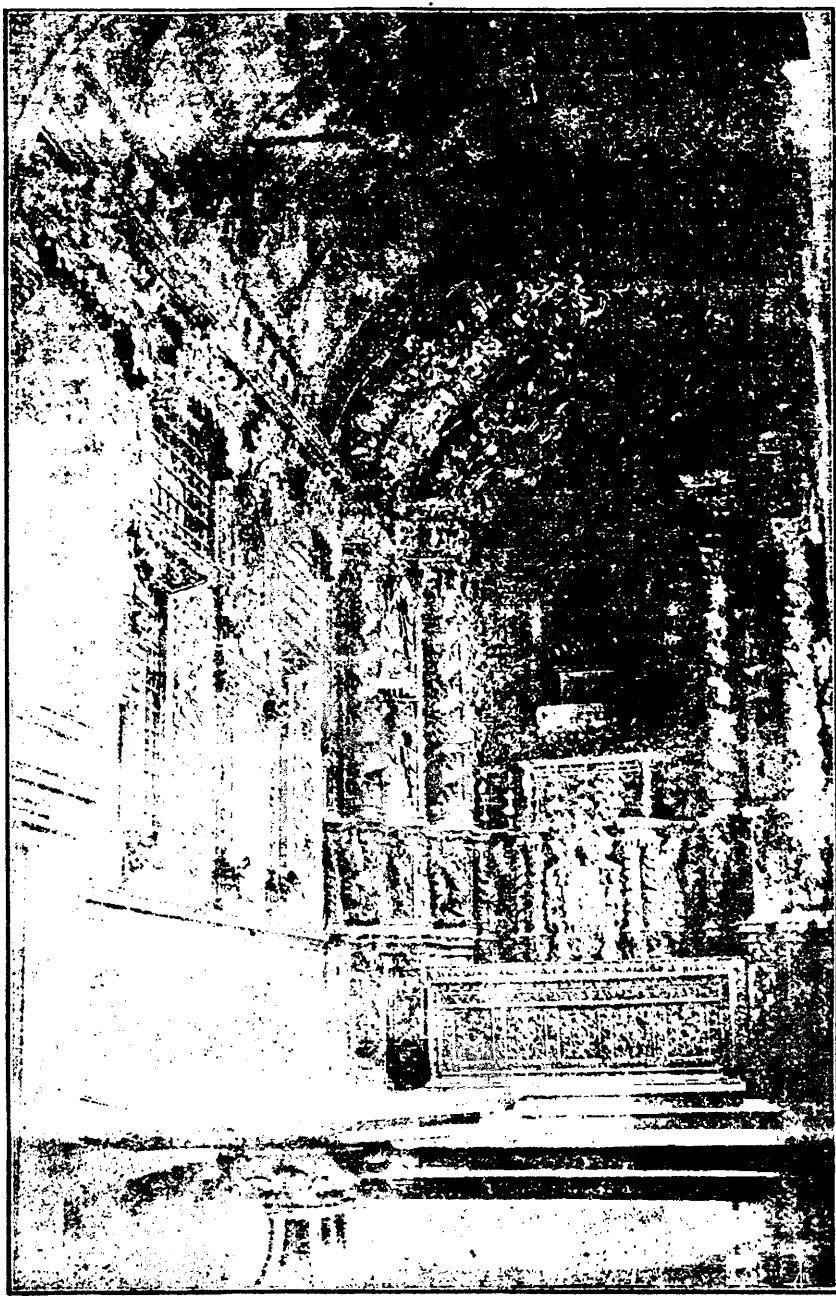
Cheia de poesia e de encanto há-de ser, a olhos nacionais e estrangeiros, essa hora inicial de Guimarães. Sentiremos todos a antiguidade da Nação, veremos nas próprias ruínas, ainda tão grandiosas, do seu Castelo, o símbolo de quanto vivemos, de quanto durámos, de quanto fizemos. Do alto dessas muralhas sagradas partimos, primeiro à conquista do território com que formámos o Reino, e depois, quando este ficou tão solidamente constituído que ainda é imutavelmente o mesmo, à conquista, à descoberta e à evangelização e colonização de mais de meio mundo. Todos sentiremos uma vez mais, e nunca será demais, que Portugal foi um milagre, que a sua história mais parece lenda, e que não podemos exonerar os nossos ombros, por mais débeis, da obrigação imprescindível de mantermos e aumentarmos, quanto possível, a herança recebida. Aos povos foi dada por Deus a faculdade, negada aos homens, da sua ressurreição neste mundo. A velhice só para eles existe quando são incapazes de renovação. Não é, graças também a Deus, e como o estamos testemunhando, o nosso caso.

Mas a visita a Guimarães ainda nos trará outras evocações proveitosas. Já há anos me referi à diferença de ritmo e de carácter, à verdadeira dualidade da nossa história, antes e depois da dinastia de Aviz. Até D. João I, Portugal é uma Nação de heróis e de nautas, e também de aventureiros e mercadores. O primeiro Portugal nasceu em Guimarães. Era mais ária e mais loiro, e da sua forte e sã personalidade dão testemunho as páginas da nossa viril história medieval. O segundo, mais africano, moreno e moiro, é o que ainda está diante de nossos olhos. No primeiro predominou o Norte; no segundo, o Sul.

Foi o Infante D. Henrique que, rasgando na casa portuguesa a janela que deita para o mar, inundou de luz nova a nossa vida e criou ambições maiores no país inteiro. Os descobrimentos eram obra de alcance universal, susceptível de mudar, como mudou, o rumo da civilização. A nossa pequena existência regional, por mais equilibrada e normal que fosse, perdeu logo o interesse. A fachada de Portugal passou a ser Lisboa.

Ainda há hoje quem faça côro ao velho do Restelo, deplorando a mudança. Mas são entes de vista curta. Outros, sem irem tão longe, lamentam que as nobres regiões minhotas, transmontanas e beiroas, de uma austeridade quasi helvética, e ainda tão intactas e tão portuguesas, não influam

Talha de Santa Clara



mais sobre a oriental Lisboa, de alma um pouco boémia, e que, a-pesar-dos seus defeitos, vence sempre.

Teriam razão se assim fôsse. Mas a verdade é que o sul é constantemente vitalizado e colonizado pelo Norte e que as virtudes deste vêm permanentemente em auxílio daquele. O Norte ficou, de facto, para sempre nas trazeiras da Nação, porque lhe faltou o Tejo, e, talvez, também um pouco do génio do mando, da audácia, da capacidade atractiva, que deram estilo a Portugal e neutralizaram outros êrros meridionais. Mas consulte-se o rol dos nossos maiores homens e lá se encontrarão os do Norte quasi sempre ao leme da nau. Agora mesmo, quem nos governa, alumia e guia—senão um Beirão de todos os costados?

Alberto de Oliveira.

Somos e seremos Campeões!

Desportistas Vimaraneses:

Por circunstâncias várias e de certo modo engraçadas, realiza-se hoje no Campo da Ponte, em Braga, a final do Campeonato Distrital, cujo título, de há muito e com muito merecimento, está na posse do vosso valoroso Vitória.

Este facto de primacial importância para o vosso brio desportivo e para a vossa dignidade de vimaranenses, impõe-vos as seguintes e imperiosas condições:

—Que, em massa, compareceis no local da pugna e calorosamente afirmeis—Presentes!

—Que durante a partida, nas ocasiões de alívio e nas de opressão, nas jogadas brilhantes ou nas jogadas ofuscadas pela infelicidade, não deixeis de incitar os vossos representantes com ardor e entusiasmo.

E' isto que se vos impõe! O resto é com os rapazes que envergam a equipe. Confiai neles, no seu valor, na enorme vontade que os anima, na sua bravura e correcção.

E no final, os seus adversários, também valorosos e aguerridos, abandonarão o rectângulo vencidos, magnificamente vencidos!

Rapazes do Vitória: Que o vosso comportamento no jogo de hoje sirva para tirar as dúvidas, todas as dúvidas, aqueles que as possuam acerca do vosso incontestável valor.

E' isto o que sinceramente vos desejamos.

Belgaçour.

O altar de talha doirada que na noite de terça-feira última ardeu no Santuário Eucarístico da Penha, foi encomendado, com as respectivas laterais, para a capela-mór da extinta igreja do convento de Santa Clara, em 13 de Fevereiro de 1731, pela abadesa Sôror Inês Maria de Santa Rosa, sendo o artista escultor Ambrósio Coelho, natural da freguesia de Serzedelo, deste concelho, e a pintura de estufado devinda ao também nosso conterrâneo Manuel Gomes de Andrade.

O altar-mór, quando se arruinou torpemente a igreja de Santa Clara, foi para a Penha, tendo ardo agora; e as laterais, como aquêle formosíssimo, adquiriu-as o Museu de Alberto Sampaio pela quantia de 3.000\$.

Repare-se na coincidência extraordinária de o contracto acima indicado ter sido feito a 13 de Fevereiro, data em que cento e noventa e dois anos depois o altar desapareceu, sob um brazeiro, na Penha.

O Museu de Alberto Sampaio conserva, além das laterais da capela-mór de Santa Clara, mais cinco trabalhos de escultura de Ambrósio Coelho.

Farpas

Santuário da Penha

Um incêndio, cuja proveniência não está ainda suficientemente esclarecida, reduziu a um montão de destroços a capela-mór do Santuário da Penha.

O imprevisto e a deficiência de pormenores quanto às causas do sinistro, envolve o facto de certo mistério, a que a fantasia do povo dá largas, contando-o e compreendendo-o a seu modo.

Contrista-nos, profundamente, o que se deu. O Santuário da Penha, há poucos anos ainda iniciado, deixa, por algum tempo, de ser a casa da oração dos crentes que vão à Penha. Desapareceu, também, essa preciosidade de talhas que era enlêvo de tantos que sabiam admirar a Arte bela dos nossos antepassados.

O altar de Santa Clara, a volta do qual se reuniu um bom punhado de bairristas, a frente dos quais,—é justo destacá-lo—esteve o nosso poeta Jerónimo de Almeida, desapareceu também.

Era uma recordação viva do passado glorioso da nossa terra esse altar de beleza trabalhado por mãos apuradas dos artistas entalhadores que tanta riqueza de talha espalharam por muitas das nossas igrejas.

E quando um dia o desvario dos homens pôs em leilão essa formosa reliquia da capela de Santa Clara, que esteve prestes a cair em mãos estranhas, houve um rebate de consciência e juntaram-se homens de boa vontade a defender essa preciosidade, para que continuasse a ficar em terra vimaranense.

E a Penha foi logo lembrada para, na coroa de beleza da sua paisagem, ser engastada a pedra preciosa de Santa Clara. E assim que se pensou na construção do Santuário Eucarístico logo se preparou tudo de maneira a que o altar lá pudesse ser colocado.

O incêndio de agora veio derubar todos os sonhos e todos os projectos? Irremediavelmente? Quanto ao altar, sim. Quanto à continuação das obras não. E' necessário pois que, de novo, se congreguem todas as boas vontades e que aos sacrificios de agora a população vimaranense, (todos os católicos ou simples admiradores dos encantos turísticos da Penha), junte mais o sacrificio de garantir a continuidade e a conclusão da obra iniciada, para que nem tudo se perca calcinado pelo fogo que devorou a maravilha de talha do altar-mór.

São João das Caldas,
15 de Fevereiro de 1939

X. X.

Despedida

Manuel Sampaio Leite Basto, na sua retirada para Pernambuco (Brasil), e na impossibilidade de se despedir de todas as pessoas que o distinguiram com a sua amizade, vem apresentar, por este meio, as suas despedidas, agradecendo todas as gentilezas que lhe foram dispensadas durante a sua permanência em Guimarães, oferecendo o seu préstimo em Pernambuco.

Guimarães, 17 de Fevereiro de 1939.

Críticas Pequenas

Não é mentira. Descansava aqui ao lado direito da amontoada secretária aquele formoso número do *Notícias* de 20 de Novembro a que Eduardo de Almeida dera todo o brilho com o seu formosíssimo artigo.

Nesse mais que justo hino de louvor a Bernardino Jordão, pareceu-nos lobrigar a promessa de em oportuno ensejo a eloquência do Tribuno festejar o Monumento e o Homem.

Coimbra mandava-nos agora o seu Orfeão e o Orador apresentante regalar-nos-ia com motivos variegados de uma peça arrebatadora.

Mais uma desilusão na vida. O esgotante labor do Publicista e do Advogado apenas lhe consentiram deleitar-nos com uma página de Saúde de uma hora de inquietação e desalento.

Raposo Marques respondeu ao Apresentante com um feliz estribilho a parafrasear a doçura do cantar dos Orfeonistas.

Depois Raposo Marques confirmou os seus altos dotes de Regente consumado na Divina Arte.

Os dous Actos de canto orfeónico encheram bem a Festa e no último Acto o Apresentante (e Executante) dos vários números arrancou à Plateia palmas e palmas que não tinham fim.

Que linda noite mesmo sem luar!

G.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Poema carnavalesco...

... É SEMPRE A PRIMITIVA PALHAÇADA,
SEMPRE...
GENTE QUE SE MASCARA E DESMASCARA,
GUIZOS DE PIERROT EM BIMALHADA
LOUCA...
E TAMBÉM,
COISA RARA:
HÁ QUEM TRAGA CONSIGO A PRÓPRIA CARA...
SEMPRE A MESMA
ENTRUDADA...

FEVEREIRO DE 1939.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

O problema da electricidade

O problema da electrificação do País, assunto de que desde há muito se vem falando, é, de entre muitos outros que interessam à economia Nacional, um daqueles que de forma alguma pode deixar de merecer o incondicional apoio de todos os portugueses, atendendo às vantagens e regalias que o mesmo proporciona a toda a Humanidade. Electrificar o País será o mesmo que levar a felicidade a muitos lares, uma vez que está demonstrado que a electricidade é um factor de primeira grandeza a contribuir para o progresso dos povos. Não é só a substituição da luz da tradicional candeia que se impõe, mas é, ainda superior a esse facto, a necessidade de levar aos pequenos centros ou aglomerados de menos importância o poder revolucionador da electricidade. E se é certo que constitui uma aspiração geral, não é menos certo que essa aspiração está dentro dos progressos que devem acompanhar o decorrer dos séculos, por meio de um acentuado esforço de todas as boas vontades e de todas as iniciativas aproveitáveis. Nesse sentido, o Engenheiro sr. Belfort Cerqueira, apresentou, há dias, um projecto de lei à Assembleia Nacional, que já transitou para a Câmara Corporativa, e pelo qual o seu autor pretende dar uma solução satisfatória ao problema da electrificação rural: Esse projecto, que contém 28 bases, apresenta a forma de ser resolvido um importante problema e propõe a criação de *União Municipais Electro-Agrárias*, bem como a Associação das Câmaras Municipais com as entidades particulares consumidoras de energia eléctrica, podendo participar nesses organismos, além das Câmaras, as entidades particulares seguintes:

As empresas industriais ou agrícolas; as Empresas de distribuição local que sejam consumidoras e as cooperativas criadas pelos grêmios da lavoura, etc. Seria, de facto, muitíssimo importante que não fosse adiado por mais tempo o problema da electrificação do País, com a inclusão de todas as freguesias rurais, conforme está previsto no texto do projecto citado. A vida atrofiada dessas freguesias passará, em grande parte, a ser substituída por uma vida de progresso, de indiscutível utilidade para os respectivos povos, sobre muitos dos quais pesa a inclemência de uma trágica luta pela vida. A electricidade é um dos agentes que mais pode contribuir para a expansão da prosperidade Nacional, motivo por que ainda mais se impõe a electrificação do País, dentro de um plano geral e, como tal, extensivo a todos os portugueses. Mas, se por um lado se torna necessário levar por diante um extraordinário empreendimento, surge por outro lado a necessi-

dade de não incompatibilizar o custo da luz eléctrica e o da força motriz com as possibilidades dos mais humildes consumidores, aqueles que nesses benefícios não poderão tomar parte se, por ventura, esbarrares com o obstáculo de um elevado preço. Assim não deve acontecer, porém, porque tudo será devidamente acautelado nesse sentido, uma vez que qualquer proposta sobre a solução do problema seja transformada em realidade.

Nenhum bom português deve, pois, regatear os seus aplausos a qualquer iniciativa por meio da qual se procure resolver o problema da electrificação rural, como acontece com o projecto de lei do Engenheiro sr. Belfort Cerqueira, que apresentou à Assembleia Nacional. Depois de limadas quaisquer arestas, deve daí resultar proveito para o País. Oxalá que assim seja.

Zé da Aldeia.

P. S.

Já depois de ter escrito a *prosa* que precede este P. S., principiava a correr cá pela minha aldeia a notícia de que a Firma Bernardino Jordão & Filhos, dessa cidade, apresentou uma nova proposta sobre o fornecimento da luz pública e particular, da força motriz e sobre a electrificação das freguesias rurais, etc., fixando preços relativamente reduzidos. Disseram-me, por exemplo, que por essa proposta os habitantes das freguesias rurais não pagariam o *kw.* por quantia superior a 1\$20. Sendo assim e ficando os habitantes da cidade ainda bastante mais beneficiados, conforme também me disseram, é caso para se dizer que a demora trouxe benefícios compensadores. Será, pois, mais amigo quem fornecer mais barato. Esta notícia não é, porém, confirmada por uma recente deliberação da ex.^{ma} Câmara Municipal sobre a nomeação de uma Comissão destinada a proceder à avaliação de material eléctrico para efeitos da municipalização. Aguardemos.

Z. da A.

DUAS CAUSAS

No último número do «N. de G.» foram focadas duas causas, ambas elas de grande alcance, cada uma, é claro, dentro da sua finalidade. Quero referir-me à Casa dos Pobres e aos Bombeiros Voluntários. Um e outro assunto de forma alguma me poderiam passar despercebidos, por que pertenço ao número daquelas pessoas que sabem reconhecer como indispensável a existência de uma e de outra instituição, dignas do maior carinho e de toda a possível protecção. Quer a Casa dos Pobres, quer a Corporação dos Bombeiros Voluntários precisam de viver. Aquela, porque deu uma solução condigna ao problema local da mendicância, que durante muitos anos se arrastou por entre *paliativas tentativas*, sem que, contudo, as ruas da Cidade deixassem de ser povoadas por esfarrapados e sujeitos mendigos. Acabou com esse triste e humilhante espectáculo a Casa dos Pobres, a qual, pelo visto, principiava a sentir a falta de protecção das pessoas que a vão abandonando sob pretextos que, afinal, não justificam esse procedimento. Em geral, o que se dá aos pobres não é o que faz falta nem há exemplo de ter resultado de

tam humanitária benemerência a falência de qualquer Empresa Industrial ou de qualquer casa comercial e, bem assim, a ruína de um abastado capitalista ou mesmo de um simples remediado. E', por isso, muito lamentável o que se passa a esse respeito.

Quanto à Corporação dos Bombeiros Voluntários, pena é, também, que o eco de certos clamores, tenha algum fundamento, sobretudo por serem envolvidas pessoas que só merecem consideração. Não é difícil, todavia, dar uma satisfação à opinião pública, visto que para isso apenas se torna necessário acabar com um pouco de desleixo que, por ventura, tenha havido no cumprimento de algumas disposições legais.

Verifica-se, pois, a necessidade de fazer desaparecer esses clamores, com o que muito se dignificará a Corporação. Do pedido de demissão do 2.º Comandante sr. António de Sousa Lima, ocupar-me-ei em melhor oportunidade. Para já, limito-me a lamentar a sua resolução.

X.

Gazetilha

Então, «e que mais veremos?» Sei lá o que mais teremos, que vem por aí abaixo?! Eu, às vezes, só lhe digo, penso cá para mimgo: — Caramba! se não me agacho...

O sr. que vem contar que viu rapazes jogar — o que não pode estar certo — o *futebol* no passeio que fica em frente ao Correio, está a bradar no deserto.

Pretendo, então, que a polícia venha, com toda a perícia, para ver se a coisa muda? Se o povinho se consola só por ver jogar a bola, não haverá quem acuda.

Se neste tempo bicudo só a bola vale tudo, é a maior dessas molas que faz mexer toda a gente, digamos, pois, tristemente: — *Hora nova!* e ora bolas!

Querem-se os moços treinar, porque depois, já de estar a avenida concluída, será, e por nosso mal, do «Benhevi» filial, disso já ninguém duvida.

E o burro que está parado, tal carroça atrelado, vê nisso uma coisa feia, se põe os olhos no chão, tem, talvez, decifração: — Vergonha por conta alheia.

Então, «e que mais veremos?» Sei lá o que mais teremos, que vem no fim disto tudo?! À tal *Velha Rubijenta* talvez apresente ementa, e, como entrada — o *Entrudo*.

Camara Dão.

NOTA OFICIOSA

Da Câmara Municipal recebemos a seguinte nota oficiosa:

A Câmara às pessoas de boa fé de todo o concelho

Constando que vários indivíduos percorrem a cidade angariando assinaturas a favor de uma representação a dirigir aos poderes públicos contra a municipalização dos serviços eléctricos em todo o concelho — de resto já aprovada pelo Governo — a Câmara Municipal de Guimarães cumpre o dever de prevenir as pessoas de boa fé contra manobras que visam apenas defender interesses particulares contra o interesse geral, e transformar em questão política aquilo que mais não é do que, embora de grande alcance, um simples acto de administração municipal.

Torna-se público que a Firma Bernardino Jordão, Filhos & C.^ª, L.^ª, ex-concessionária da luz, não apresentou à Câmara qualquer proposta vantajosa para fornecimento de luz e energia motriz a todo o concelho. A referida Firma, por si ou seus procuradores, apenas fez entrega, no Governo Civil de Braga, de um officio contendo uma proposta que começa por exigir uma concessão por vinte anos e acaba por dizer que os *preços oferecidos ficam dependentes dos que vierem a ser fixados pelo caderno de encargos*.

Fica sabendo quem não anda no segredo destas cousas, que no estudo da electrificação geral, o país é dividido em zonas, e, nessas zonas, são estabelecidos certos preços que devem cobrir as despesas da electrificação e

de remuneração justa ao capital investido.

Os cálculos feitos não permitem prever, nas condições económicas actuais, preços para luz e força motriz inferiores a \$40 e \$60 por kilowatt, respectivamente, sendo natural que tenham de ser adoptados, para limites mínimos, preços mais elevados, de harmonia com as condições especiais das diferentes zonas.

Tais preços não-de constar, para cada zona, do tal caderno de encargos tipo, e assim fácil de compreender que, feita nova concessão à Firma ex-concessionária, a Câmara Municipal de Guimarães ver-se-ia dentro em pouco — porque a electrificação geral do país há-de ser, a breve prazo, mais uma brilhante realização do Estado Novo — envolvida num contracto em que, de firme, apenas se encontraria a concessão por vinte anos, ficando alteradas ou até inutilizadas quaisquer condições vantajosas por que se modificaram os preços.

Aqui tem os vimeanenses o que é e o que vale a decantada proposta dos Senhores Jordão, Filhos & Companhia, Limitada.

O Sr. Jordão sabe o que quer, mas não deve partir do princípio de que na Câmara de Guimarães se encontram pessoas herdeiras daquela proverbial ingenuidade que tornou célebres os antigos habitantes duma hoje ridícula Vila da nossa provincia da Estremadura.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1939.

O Presidente da Câmara,

José Maria P. L. de Magalhães e Couto.

Uma informação

Pessoa de nossa absoluta confiança e incapaz de deixar de assumir as responsabilidades dos seus actos, veio à nossa Redacção, a-fim-de nos informar do seguinte facto:

Que numa freguesia situada à margem do rio Ave, entre Taipas e Barco, pertencente ao Concelho de Guimarães, funciona uma taberna junto da respectiva Igreja — a menos de 20 metros de distância — onde é vendido o vinho do sr. Abade. Igual destino é dado à água ardente, sucedendo que os paroquianos, depois de cumprirem o preceito de assistir aos actos do culto católico, possam, em seguida, dar entrada na taberna, ou para *mata-bicho*, sendo de manhã, ou para entrar na *litragem*, sendo de tarde. Como não duvidamos da autenticidade da informação, perguntamos:

Já não estará em vigor uma lei que não autoriza o funcionamento de tabernas junto de Igrejas, de Escolas, de Quaréis, etc.? Se essa lei tiver sido revogada — o que não nos parece, porque é uma lei essencialmente moral — apelamos para a consciência do Pastor daquelas Almas.

Caso contrário, chamamos para o caso a atenção da ex.^{ma} Autoridade Administrativa. E' necessário contribuir para a educação do povo e o ambiente da taberna não é factor aproveitável, sobretudo nas condições daquela a que aludimos.

Orfeão de Coimbra

Visitou-nos, conforme estava anunciado, este notável Orfeão, que tem percorrido já muitas terras do país, tendo ido ainda há poucos meses, ao Rio de Janeiro, numa verdadeira embaixada artistica.

Não nos consideramos abalados bastante para julgar dos méritos deste notável grupo coral, que tem a aureolá lo, sem dúvida, o facto de ser constituído pela nossa melhor mocidade portuguesa, onde naturalmente se reúnem rapazes de fina educação destinados a exercer os mais distintos cargos na sociedade portuguesa. Mas não é este o motivo da nossa admiração: o que sobretudo nos cativou foi não só a atraente apresentação desse punhado de moços esperançosos, como ainda as primorosas vozes que o compunham, sob a magnífica regência do Dr. Raposo Marques. Havia a correcção aliada ao sentimento e a mais bela interpretação dos diversos números do programa, cantados com a mestria de

O Santuário Eucarístico da Penha foi destruído por um incêndio.

A notícia já é de todos conhecida. O Santuário Eucarístico da Penha foi completamente destruído, por um violento incêndio, na noite de segunda-feira última.

Por volta da meia noite as poucas pessoas que andavam na rua — pois a noite estava fria e ventosa — repararam que no alto da nossa formosíssima Estância da Penha havia chamas enormes e logo adivinharam que o Santuário Eucarístico (aínda em construção) Monumento que ali ficaria a atestar as gerações futuras os sentimentos religiosos do nosso povo, estava a ser devorado por um incêndio.

Os sinos das torres logo ecoaram pedindo socorro e a sirene dos Bombeiros deu o sinal de alarme.

Os bombeiros partiram logo mas, infelizmente, não puderam fazer para salvar o templo que era já um enorme brazeiro.

Acudiram muitas pessoas que ficaram aterrorizadas ante o trágico espectáculo.

E do templo onde existiam a preciosa talha do Convento de Santa Clara, maravilha do século XVII a que noutro lugar nos referimos, uma linda imagem de N. S. da Conceição, outras imagens e ricais alfaias, etc., apenas se salvaram uns quadros de beifeitores que estavam na sacristia e... pouco mais.

Algumas centenas de contos — tal era o valor de tudo o que ficou reduzido a cinzas — se perderam. E, cousa deveras lamentável, nada estava no seguro.

O Santuário Eucarístico da Penha começou a construir-se há anos por devoção dos fiéis do nosso concelho. A primeira receita — uns quarenta e tantos contos — obteve-se com o saldo do Congresso Eucarístico Nacional nesta cidade realizado em 1927 e continuou com esmolas angariadas por ocasião das peregrinações anuais, etc., e diversos donativos de amigos da Penha.

O fogo causou, como era natural, profunda emoção em todo o concelho.

Ignoramos aínda, ao certo, as causas do sinistro mas é quasi certo que o mesmo se deve a descuido da pessoa encarregada de olhar pela igreja, a pesar-de este nos ter garantido, por oca-

sião do incêndio e na presença de diversas pessoas, que o templo estava fechado desde domingo, não tornando ninguém a lá entrar e ter a certeza de não ter lá deixado qualquer vela ou lamparina acesas. A Mésa da Irmandade requisitou, no entanto, um agente da P. I. C. para que o caso se esclareça convenientemente.

Reúniu a Comissão de Melhoramentos da Penha, estando presentes os ex.^{mas} srs.: António José Pereira de Lima, José Luis de Pina, Padre Gaspar Nunes, Dr. Leopoldo Martins de Freitas, Manuel Pereira Mendes, João António Sampaio, Alberto da Cunha e Castro, José Gilberto Pereira e Joaquim Laranjeiro dos Reis. O sr. Presidente disse que reuniu a Comissão por motivo do sinistro que no dia 13 se deu no Santuário Eucarístico da Penha, e que julgava da maior importância tratar-se deste assunto imediatamente.

O sr. José Gilberto Pereira pediu a palavra e disse que, em virtude da fatalidade que aconteceu na nossa encantadora Penha, propunha:

Que a Comissão de melhoramentos tomasse a iniciativa de, imediatamente, estudar a forma de fazer a reconstrução da igreja, destruída pelo pavoroso incêndio;

Que se abra, desde já, uma subscrição pública para a qual contribui com trezentos escudos;

Que se promovam outras subscrições e angariações de donativos, e, finalmente disse que se propunha, como sempre, a trabalhar para que, no mais curto prazo de tempo, ali continuem os actos do culto.

Os presentes membros da Comissão associaram-se à proposta, prometendo todos enviar os maiores esforços para que tudo se faça com entusiasmo e brevidade.

Desde já qualquer importância poderá ser entregue a algum dos membros da Comissão.

Na sexta-feira realizou-se uma reunião na Associação Comercial e Industrial. Como não recebemos qualquer convite para a mesma, não sabemos o que ali se ventillou.

quem está bem treinado na arte que professa.

Agora, mais nos lembra pensar no nosso querido Orfeão, que pela forçada ausência do seu ilustre regente e nosso querido amigo Filinto Nina, tem andado quasi ameaçado de desaparecer, como tem sucedido a tantas boas iniciativas nesta mais uma vez inditosa terra de Guimarães, umas vezes pela cruel fatalidade do destino — como aconteceu à Igreja da Penha! —, outras e quasi sempre pela incuria dos homens. Neste caso ainda é quando mais nos doi! Nem só de pão vive o homem... mas sem ele também não pode viver, a não ser a velha maneira dos Papusas metidos dentro duma urna de vidro! Não seria possível conciliarmos as coisas de forma a que se obtivesse a conservação entre nós do digno Gerente do nosso Orfeão, facultando-lhe a digna Câmara um ordenado pelos serviços de professor de Canto, incluindo nas suas obrigações profissionais e oficiais a de ensinar também, por exemplo, a Mocidade Portuguesa? Isto faz-se já noutras terras do país, que podíamos citar, sendo pago pela Universidade de Coimbra o Ilustre Regente do Orfeão que veio de nos visitar há dias. A Ex.^{ma} Câmara, que tem na sua presidência uma pessoa que nos merece toda a estima e consideração e parece empenhada no bom nome da nossa terra, prestaria a Guimarães um relevante serviço, que todos os vimeanenses agradeceriam.

X.

Conforme estava anunciado, chegou na terça-feira, à tarde, a esta cidade, o Orfeão Académico de Coimbra, que foi festivamente recebido pelo Orfeão de Guimarães, Academia Vimeanense e diversas colectividades e Sindicatos, com os seus estandartes, e numerosas pessoas, uma banda de musica, etc., tendo-se organizado, à entrada da cidade, um extenso cortejo que, debaixo de uma chuva de flores, atravessou as ruas em direcção à Câmara Municipal, onde o sr. Presidente, capitão Magalhães Couto, deu as boas-vindas aos visitantes, discursando ainda o sr. Dr. Ferreira da Cunha, vereador da Cultura, e agradecendo o director do Orfeão, sr. Dr. Raposo Marques, sendo todos muito aplaudidos.

Seguidamente os nossos visitantes

foram também recebidos na séde do Orfeão de Guimarães, onde usaram da palavra os srs. P.^º José Carlos Simões de Almeida e dr. Francisco Meireles, agradecendo também o sr. dr. Raposo Marques.

A' noite efectuou-se, no Teatro Martins Sarmiento, que estava repleto de pessoas, o Sarau de Arte, que decorreu com muito brilho, tendo feito a apresentação o ilustre Advogado vimeanense, sr. dr. Eduardo de Almeida, que proferiu um brilhante discurso, de fino recorte literário, sendo entusiasticamente aplaudido.

Seguidamente a Madrinha do Orfeão Académico, a ex.^{ma} sr.^a D. Júlia Leonor Pinheiro Machado Cardoso de Menezes, esposa do sr. Luiz Cardoso Martins de Menezes (Margaride) colocou no estandarte daquele distinto grupo orfeônico, um artístico laço como recordação da visita a Guimarães, após o que se deu início ao Sarau, executando o Orfeão o Hino Nacional, que a assistência, de pé, ouviu em silêncio, aplaudindo entusiasticamente.

Todos os restantes números executados agradaram, também, sendo muitos deles bisados.

DESPORTO

O Vitória em Braga

Vai cair hoje o pano, e não é sem tempo, sobre o tão mal-fadado Campeonato Distrital. Disputa-se finalmente a última partida do Campeonato, e seja feita a vontade assim na bola como no campo áqueles que dão o dito por não dito.

O grupo campeão, não protesta nem barafusta, não reclama, e no final é sempre o atingido.

Mas está bem! O Vitória está sempre no seu posto, pronto a defender-se adentro de todo o desportivismo dos seus adversários.

Vai a Braga sem preocupações, desempoeirado como sempre, à busca do lugar a que tem jús. Vai com o á-vontade de sempre, ativo e combativo, para que a sua bandeira seja desfraldada com orgulho para os vimeanenses e para que se leia nela:

«O Vitória é mais uma vez Campeão!»

Executa-os Eduardo José de Freitas. Rua de Francisco Agra, 93 — Guimarães. (22)

OS ANIMAIS

Os animais, seres inferiores que são dignos de toda a nossa protecção, não devem — por isso mesmo — ser vítimas dos maus instintos humanos, razão por que têm sido promulgadas algumas leis com o fim de punir as pessoas que os maltratam. Verifica-se, desse modo, que o próprio Poder Central não é indiferente à Causa da protecção e da defesa dos Animais.

Contrariamente aquilo que muitas pessoas possam supor, é do Governo da Nação que partem as instruções mais rigorosas sobre a protecção que lhes deve ser dispensada e, portanto, não é o Governo que tem responsabilidades no desprêzo a que em certas terras é votada essa Causa, visto que essas responsabilidades só cabem a quem não cumpre as instruções que partem das Instâncias Superiores. Mas, a par de tudo isso, o movimento que se está a esboçar em todo o País em prol da protecção e defesa dos Animais é de cada vez maior. E para não nos reportarmos a terras longínquas, vejamos, por exemplo, o que se passa na vizinha cidade de Braga, onde dia a dia aumenta consideravelmente o número de sócios, incluindo pessoas de elevada categoria, entre as quais muitas Senhoras.

Por outro lado, a Sociedade Protectora dos Animais, daquela Cidade, tem toda a possível cooperação das Autoridades e recebe subsídios do Governo Civil, da Câmara Municipal, etc., facilitando-lhe, assim, a sua missão, que tem um fundo essencialmente humanitário.

Mas não é só na vizinha cidade de Braga que as Autoridades e muitíssimas pessoas se interessam pelo rigoroso cumprimento das leis que defendem os Animais de bárbaros maus tratos. Também no vizinho concelho de Fafe — e isto para falarmos, apenas, do que se passa na nossa vizinhança — está a desenvolver-se um movimento importante no sentido de se evitar que os Animais sofram as consequências da maldade humana. Ainda há dias, um indivíduo daquela Concelho pediu a sua inscrição na Sociedade Protectora, desta cidade, a fim de poder intervir em determinados actos de que são vítimas os Animais, e muito principalmente em virtude do que se passa com os cães de caça.

Sobre estes animais, também por cá se torna necessário tomar severas providências. Está a dar-se aquilo de que falamos ainda há pouco tempo, isto é: terminada a caça, alguns senhores caçadores não alimentam os cães que andam dia e noite na via pública, a morrer de fome.

Como semelhante procedimento é o que há de mais deshumano, pede-se que sejam tomadas as mais rigorosas providências. De resto, quanto ao que se passa com maus tratos aplicados aos Animais, uma só coisa há a fazer: — **Cumprir as leis** de protecção aos mesmos.

da cidade

Diversas Notícias

Bravo

Sabemos que o Sr. Bernardino Jordão pensa em montar um grande frigorífico destinado à conservação de grandes quantidades de peixe, fruta, etc., no intuito de dar-nos dentro em breve e por preços acessíveis a todas as bolsas, aqueles alimentos, o que é motivo para que o felicitamos desde já, pedindo-lhe, ao mesmo tempo para que não desanime de mais esta feliz iniciativa.

De facto trata-se de mais um melhoramento para esta cidade, com o qual muito teremos a lucrar todos,

VENDAS A PRESTAÇÕES SEMANAIS com bónus.

FAZENDAS DE GRAÇA todas as semanas no valor de 25\$00, 60\$00 e 125\$00.

FAZENDAS, MALHAS, MODAS, MEIAS e MIUDEZAS.

BENJAMIM DE MATOS & C.^a, L.^a

TOURAL, 105 — TELEFONE, 64

Por motivos de balanço, grandes baixas de preços em todos os artigos.

É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE E QUE MELHOR SORTIDO TEM

não só os que vivem dentro de barreiras, mas também, aqueles que residem nas muitas freguesias do nosso grande concelho e, ainda, as pessoas das localidades mais próximas.

Sabemos que o caso está sendo já estudado convenientemente por um técnico e temos a certeza de que a feliz iniciativa do homem que nos deu o magnífico Teatro se converterá, dentro em muito breve, em realidade.

Está, pois, de parabéns o Sr. Bernardino Jordão e de parabéns estamos nós, todos os vimezanenses.

Um problema

A propósito do artigo de fundo do nosso último n.º transcrevemos do «Diário de Guimarães» para o «Comércio do Porto»:

«Um problema» é o título do ponderado e impressionante artigo de fundo do «Notícias de Guimarães», publicado ontem, onde, a propósito das sérias dificuldades com que actualmente luta a Casa dos Pobres, se lêem claras palavras que merecem particular e carinhosa atenção, para que não mais voltemos a ver pelas ruas citadinas bandos de pedintes, batendo a todas as portas e estendendo a mão à caridade dos transeuntes nem sempre dispostos a considerações.

Que aquêle lamento, que traduz um grito de alma bem sentido, o ouçam as almas boas e, repercuta em todos os corações abertos a todas as desventuras, sempre prontos a acudir aos infelizes, a quem a fatalidade condenou a implorar uma malga de caldo, e um bocadinho de pão, e, ainda, por não terem eira nem beira, a pedir uma enxerga na Casa dos Pobres.

Que nunca falte amparo a tão bendita casa de caridade.

Falsos mendigos — Providências das Autoridades Administrativas

São frequentes as queixas que teem surgido ao sr. administrador do concelho a propósito de certo número de indivíduos que percorrem as freguesias do concelho pedindo esmolas, e, sob este pretexto, vão furtando o que podem.

Nestas circunstâncias, aquela autoridade acaba de expedir circulares a todos os regedores das freguesias para identificar os indivíduos que se tornem suspeitos, e, no caso de desobediência, por parte destes mandá-los apresentar ao Posto Policial deste concelho.

Convite

Pela Secção Policial da Câmara foi afixado no átrio do mesmo edifício, um edital que convida os manobras que completam 17 anos no corrente ano, ou que já os tenham feito a concorrerem para admissão de alunos marinhaes.

Naquela Secção prestam-se os esclarecimentos necessários aos que quiserem concorrer.

Vencimentos

Os sargentos reformados, residentes na área deste concelho, podem, desde já, apresentar-se na Secção Policial da Câmara para receber os seus vencimentos.

Registo Civil

No ano de 1938 o movimento do Registo Civil desta cidade foi o seguinte:

Registos de nascimentos, 3.144; idem de óbitos, 1.558; idem de casamentos, 581; emancipações, 36.

Cofre Municipal

No mês de Março abre o Cofre Municipal para a cobrança das licenças do exercício do Comércio e Indústria do corrente ano.

Dr. Moreira Sampaio

Acaba de ser nomeado Chefe da Secretaria notarial desta Comarca, o nosso prezado amigo e Ilustre Notário sr. Dr. Francisco Moreira Sampaio, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Próximo espectáculo

O Club Naval da Póvoa de Varzim — velha instituição de bairroismo poveense — tomou a iniciativa de trazer a esta Cidade o seu Grupo Dramático, para realizar na nossa nova e elegante Casa de Espectáculos uma festa dedicada ao Povo de Guimarães.

Do programa que nos dizem ser atraente, faz parte uma interessante opereta intitulada «Maria» escrita e musicada por dois poetas de talento, o advogado sr. dr. José de Sá e o prof. Domingos de Pinho.

O espectáculo realizar-se-á no próximo dia 28.

Para tratar de assuntos que se prendem com o mesmo e para que uma vez mais seja vinculada a amizade e a amizade que de há muito traz unidas as duas terras, foi constituída uma comissão de que fazem parte os srs. Alberto Pimenta Machado, Francisco da Costa Jorge, António Faria Martins e A. L. de Carvalho.

Vida Católica

Iniciou-se na sexta-feira, na capela da V. O. T. de S. Francisco o septuagésimo que precede a grande festa anual em honra da Virgem das Dóres, que este ano deve revestir extraordinária imponência.

Na próxima sexta-feira, às 20 horas, terá lugar na igreja dos Santos Passos, a primeira conferência quaresmal e no domingo imediato, às 15 horas, iniciar-se-ão, também, as conferências quaresmais no templo de S. Francisco.

Solenidades das Quarenta Horas — Na igreja da Misericórdia e na Capela da V. O. T. de S. Domingos, realizam-se nos três dias de Carnaval e na forma dos anos anteriores, as Solenidades das «Quarenta Horas».

Manifestação ao Presidente do Conselho

Está em organização um comboio especial directo de Braga a Lisboa, ao preço de 35\$00, ida e volta, para todas as pessoas que queiram tomar parte na grandiosa manifestação dos trabalhadores portugueses ao sr. Dr. Oliveira Salazar, que na capital se realiza no dia 27 do corrente, saindo o comboio daquela cidade de Braga, no dia 26 de manhã e regressando na segunda-feira, à noite.

Todos os trabalhadores que queiram inscrever-se podem fazê-lo desde já na sede dos Sindicatos, até ao dia 18 do corrente.

Delfim de Guimarães

O nosso prezado Colaborador e Amigo sr. Delfim de Guimarães acaba de publicar um novo livro «*Manhã de S. João*», (um acto em verso), ao qual oportunamente faremos referências, mas cuja recepção vimos hoje acusar.

Manhã de S. João encontra-se à venda na Livraria de L. Oliveira & C.^a (à porta da vila) e na redacção do nosso jornal, ao preço de 4\$00.

Beneficência do «Notícias»

Do sr. Justino Augusto Teixeira de Assis, da Praça Torres de Almeida, de Braga e por intermédio do nosso prezado amigo Sr. Albano Teixeira Bastos, regedor da freguesia de Fermentões, deste Concelho, recebemos a quantia de 20\$00, para os nossos pobres, em nome dos quais agradecemos.

Aquele Sr. era o dono de um presunto que há dias foi encontrado, como o nosso jornal noticiou.

Columbophilismo

A Sociedade Columbófila de Guimarães, realiza hoje um novo treino de pombos da Trofa.

Editorial

É transcrito do *Diário de Notícias*, de Lisboa, o nosso editorial do número de hoje.

Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens)

No dia 18 do corrente, esta Con-

ferência mandou celebrar uma missa em sufrágio da alma da Ex.^{ma} Sr.^a D. Luísa Mendes de Oliveira, na Igreja de S. Dâmaso.

Na sua última sessão desta Conferência, foi resolvido exarar na acta um voto de profundo pesar pela morte de Sua Santidade o Papa Pio XI, e em sufrágio da Sua Alma, manda celebrar uma Missa na Capela de S. Crispim, no próximo dia 22 do corrente, pelas 8 horas.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Cândida Leite Lage

Na Póvoa de Varzim onde há anos residia, finou-se após dolorosos sofrimentos a Sr.^a D. Maria Cândida Leite Lage, esposa do proprietário Sr. Florêncio Leite Lage e cunhada do Sr. Dr. José Júlio Leite Lage, médico em Lisboa e da esposa do nosso prezado amigo Sr. Bernardino Jordão.

O seu funeral efectuou-se em Cepães, Fafe.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Joaquim de Jesus Cardoso Romano

Após dolorosos e prolongados sofrimentos e contando 20 anos de idade, finou-se ante-ontem de manhã, na sua residência à Travessa do Picoto, o sr. Joaquim de Jesus Cardoso Romano, filho do falecido Capitão sr. António Romano e da sr.^a D. Maria Adelaide Cardoso Romano, irmão das sr.^{as} D. Maria Luísa Ribeiro Cardoso, D. Cecília Cardoso Romano Alves de Oliveira e D. Maria Júlia Ribeiro Cardoso e do sr. António Romano, cunhado do nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Manuel Alves de Oliveira.

O seu funeral que constituiu uma significativa manifestação de saudade, efectuou-se, ontem, de manhã, saindo o prestito fúnebre da sua residência para o Cemitério Municipal, em cuja capela foram resados os resposos fúnebres.

O ataude estava coberto com muitos bouquets e ramos de flores naturais com sentidas dedicatórias da família e pessoas das suas relações. O cadáver foi trasladado para o cemitério em auto-funeral com o acompanhamento de muitos automóveis que conduziam pessoas amigas.

Foram organizados diversos turnos constituídos por alguns amigos do extinto e pessoas das relações da família. Fechou o caixão o director do *Notícias de Guimarães*, amigo íntimo da família dorida.

A toda a família enlutada, avaliamos a sua dor, apresentamos o *Notícias de Guimarães* os seus cumprimentos de condolências.

De luto

Pelo falecimento de um seu tio, ocorrido no Porto, encontra-se de luto o nosso amigo Sr. Manuel da Costa, do Pevidem.

Os nossos sentimentos.

Boletim Elegante

Capitão Mário Cardoso

Ultimamente foi nomeado vogal da 2.^a Sub-Secção (Antiquidades, Escavações e Numismática) da Sexta Secção da Junta Nacional de Educação o nosso prezado amigo sr. capitão Mário Cardoso, ilustre presidente da Sociedade Martins Sarmiento.

Partidas e chegadas

Manuel Sampaio Leite Basto — Partiu ante-ontem para Lisboa, a fim de embarcar para Pernambuco (Brasil), o nosso prezado amigo, sr. Manuel Sampaio Leite Basto, que há alguns anos se encontrava no nosso meio onde, pelas suas qualidades de inteligência e carácter e excelentes dotes de espírito, soube conquistar as maiores amizades. Por tal motivo um grupo de seus amigos ofereceram-lhe um jantar no Hotel do Toural, sendo pronunciados muitos brindes, referin-

TEATRO
MARTINS
SARMENTO
EMPRESA
JORDÃO & C.^a

3 ALEGRES ESPECTÁCULOS 3

CARNIVAL

DOMINGO, 19, PELAS 15 E 21 HORAS:

A NOIVA DE MEU PAI

Engraçadíssima comédia parisiense com DANIELLE DARRIEUX.

SEGUNDA-FEIRA, 20, PELAS 21 HORAS:

3 RAPARIGAS MODERNAS

com DEANNA DURBIN — o Rouxinol de Hollywood — num dos mais extraordinários êxitos musicais da actualidade.

TERÇA-FEIRA, 21, PELAS 21 HORAS:

PARAISO PARA DOIS

Luxuosa, alegre e divertida comédia musicada com PATRICIA ELLIS e JACK HULBERT

MARIA LUIZA

SAMBAS — MODINHAS e MAXIXES BRASILEIROS

RAMOSKINE

BAILADOS CLÁSSICOS — REGIONAIS — AMERICANOS

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

CUPERTINO DE MIRANDA & C.^a

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

VENDEM-SE

A Quinta de Requião, na freguesia de Silveiras, a cerca de 5 kilómetros da cidade, com casa de senhorio e caseiro e com os melhores requisitos, próxima da estrada do Porto e Campelos, com caminho transitável para automóveis até à porta e com o rendimento de 6 carros de medidas, produzindo além disso muito vinho.

— A Propriedade dos Pontelhães, sita na mesma freguesia, com uma queda no Rio Ave, que move 20 rodas de moinhos em plena estiação, com o rendimento de 10 carros de medidas. Esta propriedade encontra-se muito perto da estrada.

— Uma óptima casa, com rez do chão e primeiro andar, sita no lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte, que serve para habitação de 3 caseiros.

Esta Redacção informa os interessados, das condições vantajosas destas vendas.

(24)

do-se todos os assistentes aos predica-

dos do excelente mbo e desejando-lhe

multas felicidades na sua terra Natal.

Aquele nosso amigo, que veio à nos-

sa redacção apresentar-nos os seus

cumprimentos de despedida, desejamos,

também, uma feliz viagem e as maio-

res prosperidades na sua terra e junto

dos seus.

Francisco José de Moraes — Tive-

mos o prazer de abraçar, nesta cidade,

na última terça-feira, este nosso pre-

zado camarada e amigo, de Penafiel,

que veio assistir ao Sarau do Orfeão

de Coimbra.

Casamento

Na paroquial de S. Sebastião, reali-

zou-se no passado dia 11, o enlace

matrimonial do sr. António Teixeira

de Sousa, com a senhora D. Armanda

Ribeiro de Figueiredo.

Paraninfaram por parte do noivo,

os pais, o sr. Joaquim Teixeira e a

sr.^a D. Sofia Antunes de Sousa Tei-

xeira; e por parte da noiva, o sr.

Manuel Alves Machado e sua esposa

a sr.^a D. Josefa Alves Machado.

Após a cerimónia religiosa foi ser-

vido aos noivos convidados um copo

d'água, brindando pela felicidade dos

noivos, srs.: P.^a Borges (Prior de S.

Sebastião), Domingos Alves Machado,

Manuel Alves Machado e Bernardino

Alves Marinho. Na corbeille da noiva

encontravam-se muitas e valiosas pre-

ndas.

Aos noivos desejamos muitas felici-

dades.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 16, o sr. dr. João Antunes

Guimarães; no dia 18, a menina Do-

inda Gonçalves; no dia 19, o sr. An-

tónio Pimenta; no dia 20, o sr. Do-

mingos Alves Machado e no dia 21, o

rev. José Ferreira Leite.

— Fêz anos na última segunda-feira

o nosso prezado camarada e amigo,

sr. Manuel da Silva Leite, de S. Tor-

balto, a quem apresentamos, embora

tardeamente, as nossas felicitações.

— Também faz hoje anos a esposa

do sr. António José da Costa.

A todos as nossas felicitações.

Doentes

Francisco Pacheco Barbosa — Por

notícias que há dias recebemos do Rio

de Janeiro, e de pessoa de família do

sr. Francisco Pacheco Barbosa, sabe-

mos que aquele nosso prezadíssimo

amigo tem continuado a experimentar

senheis melhora, tencionando vir a

Portugal dentro em muito breve.

Encheu-nos de satisfação tal notícia

e, por tal motivo, desejamos ao nosso

querido amigo o mais breve e completo

restabelecimento.

Câmara Municipal

Sessão de 10.

A Câmara, em sua sessão de 10

do corrente, deliberou:

1.º — Lançar na acta um voto do mais profundo pesar pela morte de Sua Santidade o Papa Pio XI, e enviar telegramas de condolências a Suas Eminências os srs. Cardeal Patriarac e Nuncio Apostólico.

2.º — Tendo o Sr. Ministro do Interior por Portaria de 4 de Fevereiro corrente aprovado a deliberação desta Câmara de municipalizar os serviços eléctricos em todo o concelho, propo-

ponho:

1.º — Que a Sua Ex.^a envie a Câmara um telegrama de caloroso agradecimento pelos altos serviços prestados com essa aprovação à Câmara e ao Concelho.

2.º — Que seja nomeada a Comissão de avaliação das instalações e material a adquirir pela Câmara a firma ex-concessionária.

3.º — Que se proceda imediatamente ao estudo da electrificação das freguesias rurais, em fases sucessivas, devendo na primeira fase serem incluídas, pelo menos, as seguintes freguesias: Azurém, Costa, Meão-Frio, Creixomil, Urgezes, Ponte (S. João), Fermentões, Cando de S. Tiago, Mascoteles, Polvoreira, Infias e Nespereira.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Autorizar o pagamento de Esc. 3.000\$00, de subsídio concedido para a construção do cemitério paroquial da freguesia de Infantas.

Autorizar o pagamento de 2.351\$00 à Junta de freguesia de Fermentões, importância do Imposto de Trabalho cobrado naquela freguesia relativamente ao ano de 1936.

Autorizar o pagamento de 314\$00 à Direcção Escolar de Braga, do 1.º trimestre do subsídio de expediente da respectiva secretaria e sua deslocação neste concelho.

Fazer-se representar pela Câmara de Braga na comissão que junto dos srs. Ministros, vai defender os interesses da lavoura minhota.

Adquirir o prédio situado nas ruas de Santo António e Francisco Agra, para o alargamento da primeira destas ruas.

Dinheiro sobre hipoteca

Emprestam-se 10 contos.

Nesta Redacção se informa.

A C.^a dos Banhos de Vizela,
seus dirigentes e distinto corpo clínico

1.º, ao expositor da melhor junta | marais e vice-versa e de \$90.